

# *Dialogando com o corpo e os símbolos na festa junina: reflexões para a educação física*

Nadiel Cavalcante de Sousa<sup>1</sup>  
Francisco Vinícius Ferreira Gomes<sup>2</sup>  
Eloyse Emmanuelle Rocha Braz Benjamim<sup>1</sup>  
José Jefferson Gomes Eufrásio<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste artigo discute-se sobre o corpo, a festa junina e seus símbolos, buscando tecer reflexões e contribuições para a Educação Física. Destacamos os corpos como junino como aqueles que se interligam ao ciclo junino e que se envolvem nas relações com outros corpos, um corpo que dança a quadrilha junina e que dá significados aos elementos simbólicos presentes na festa. Conclui-se que esta pesquisa poderá apontar horizontes contemplativos sobre a relação do corpo nas festas juninas, ao mesmo tempo poderá potencializar os discursos sobre o corpo e suas compreensões epistemológicas, educativas e estéticas na Educação Física.

**Palavras-chave:** Corpo. Festa junina. Símbolos. Educação Física.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte

<sup>2</sup> Universidade Estadual da Paraíba

Recebido em: 08 set. 2017

Aprovado em: 06 ago. 2018

Contato: eloysebraz@gmail.com

## *Dialoguing with the body and symbols at the junin festival: reflections to physical education*

### ABSTRACT

In this paper, there is a discussion about the body, the June festivities and its symbols, searching to weave reflections and contributions to the Physical Education. We highlight the bodies as related to the June festivals such as those that interconnect to the June festivals cycle and that are involved in the relations with other bodies, a body that dances the Quadrilha June's folk dance and that gives meanings to the symbolic existing elements in the festivity. We conclude that this research will be able to point contemplative horizons about the relation of the body in the June festivities, at the same time as will be able to enhance the discourses about the body and its epistemological, educative and aesthetical comprehensions in the field of Physical Education.

**Keywords:** Body. June festivals. Symbols. Physical Education.

## *Dialogando con el cuerpo y los simbolos en la fiesta junina: reflexiones para la educación física*

### RESUMEN

En este artículo se discute sobre el cuerpo, la fiesta junina y sus símbolos, buscando tejer reflexiones y contribuciones a la Educación Física. Destacamos los cuerpos como junino como aquellos que se interconectan al ciclo junino y que se involucran en las relaciones con otros cuerpos, un cuerpo que baila la quadrila junina y que da significados a los elementos simbólicos presentes en la fiesta. Se concluye que esta investigación podrá apuntar horizontes contemplativos sobre la relación del cuerpo en las fiestas juninas, al mismo tiempo podrá potenciar los discursos sobre el cuerpo y sus comprensiones epistemológicas, educativas y estéticas en la Educación Física.

**Palabras Clave:** Cuerpo. Fiesta junina. Símbolos. Educación Física.

## TECENDO OS FIOS INICIAIS

É quase impossível falar algo sobre festa junina sem mencionar a importância do corpo para a realização desse evento. Durante tais festejos, basta olhar em nossa volta e reparar que em quase tudo que se realiza o corpo se faz presente. Sendo assim, como diz Merleau-Ponty (2011) que o corpo é uma condição de existência no mundo, podemos então entender que ele é algo fundamental para a realização dos festejos juninos. O corpo, portanto, torna-se o meio pelo qual o homem está atado ao universo, o que materializa nossas ações e manifestações, ao mesmo tempo em que elucubra e apreende nossas intervenções no mundo (BAUMAN; CARVALHO, 2004).

Nesse sentido, tomando como base a fenomenologia, o corpo é o veículo da experiência do ser no mundo, assim, ele está presente em todos os atos da existência humana e não poderia ser diferente na festa junina. O ser-no-mundo engloba todas as dimensões do homem, do físico ao sensível, das relações consigo mesmo e com os outros, inclusive seus valores pessoais, sociais e culturais. Portanto, é a partir da interação com o mundo que o indivíduo vai formando sua própria identidade, ao simbolizar suas experiências, desenvolver sentimentos em relação às pessoas e coisas e ao agir no meio em que vive (GONÇALVES, 1997).

A luz do exposto, ainda que para alguns seja difícil perceber a relação do corpo nas festividades juninas, partindo do pressuposto de que estes se omitem a pensar o corpo e suas possibilidades, para além de uma visão naturalista ou inata do corpo, do seu movimento, dos seus afetos, ainda marcada por uma concepção de corpo-máquina, inicialmente, apresentaremos a ideia de mundo apontada por Merleau-Ponty em seus apontamentos fenomenológicos.

Desse modo, na obra *Fenomenologia da Percepção*, publicada originalmente em 1945, Merleau-Ponty (2011, p. 14) afirma que: “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável”. O corpo é assim compreendido revelando o ser que se percebe, assim como o mundo percebido.

Como elenca Nóbrega (2010), a expressão “sou meu corpo” resume o encontro entre o sujeito e o corpo. A partir desta premissa, o ser humano define-se pelo corpo, e a subjetividade deste, coincide com os processos corporais. Portanto, o Ser corpo é estar ligado ao mundo.

O pensamento acima posto, nos leva a pensar que quando estamos abertos ao mundo, este que é inesgotável, o corpo é quem vai ser o elemento que vivenciará por meio de experiências essas aberturas, interpretando quaisquer fenômenos, inclusive, os festejos juninos e seus símbolos.

Sobre as experiências realizadas pelos corpos nos festejos juninos, Ribeiro (2002) diz que durante essas festas, as populações que a vivem se manifestam com uma relação de acentuados preparativos e cautelosa organização. Impregnada de elementos simbólicos e afetivos, essas relações demarca uma linguagem artística própria que entrelaça o sagrado e o

profano, a tradição e a inovação. A multiplicidade dos fenômenos estéticos utilizados nos ambientes ornamentados para os festejos juninos seduz, encanta e integra os sujeitos, envolvendo todas as classes sociais, de diversas realidades, apregoando a face do coletivo que se superpõe as diferenças.

Em sua pesquisa, Rangel (2008, p. 11) aponta que as “Festas Juninas proporcionam um campo fértil de análise para o significado desse período tão importante na cultura brasileira [...]”. Esta antropóloga afirma que na tradição dos Festejos Juninos, evidenciam-se as crenças e costumes de uma sociedade; além de apontar as práticas artísticas e a competência cognitiva do homem de expor através da música, da dança, das brincadeiras e improvisos, toda sua cultura, se constituindo, assim, como um símbolo de acentuada contribuição social.

Sobre os símbolos e imagens, Langer (2011) em sua obra explica que são recursos que revelam importantes aspectos para as dimensões histórica e cultural da humanidade. De fato, como foi apresentado anteriormente por Ribeiro (2002) e Rangel (2008), é indiscutível a presença desses elementos nas comemorações juninas. Em consonância com o pensamento de Langer (2011), Eliade (1991, p. 174) expõe:

É a presença das imagens e dos símbolos que conserva as culturas “abertas” [...] as situações-limite do homem são perfeitamente reveladas graças aos símbolos que sustentam essas culturas. Se negligenciarmos esse fundamento espiritual único dos diversos estilos culturais, a filosofia da cultura estará condenada a permanecer um estudo morfológico e histórico, sem nenhuma validade para a condição humana como tal. Se as imagens não fossem ao mesmo tempo uma abertura para o transcendente, acabaríamos por sufocar qualquer cultura, por maior e admirável que a supuséssemos.

Nesse sentido, percebemos que as festas juninas são ótimas oportunidades para que o corpo vivencie algumas experiências como a da religiosidade, da cultura, do social, do simbólico. Merleau-Ponty afirma que as experiências vividas por nosso corpo mudam a nossa percepção, o modo de como olhamos e interpretamos os fenômenos. Assim,

[...] olhar um objeto é vir habitá-lo e dali apreender todas as coisas segundo a face que elas voltam para ele. Mas, na medida em que também as vejo, elas permanecem moradas abertas ao meu olhar e, situado virtualmente nelas, percebo sob diferentes ângulos o objeto central de minha visão atual (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 105).

A importância que Merleau-Ponty enfatiza sobre a percepção e o modo de como olhamos um fenômeno é essencial para tentarmos compreender os festejos juninos, pois ao pensarmos sobre as festas juninas no século passado e aquele visto nos últimos anos, percebemos transformações na estrutura e formato desta, assim como, uma modificação nos hábitos e costumes dos diversos atores envolvidos com o festejo. Elementos centrais dos festejos juninos, tais como as quadrilhas e a gastronomia típica, hibridizaram-se com outros formatos (PERDIGÃO; LEÃO, 2015).

E assim, esses elementos vão se transformando, se retocando, se reinventando. Essa dinâmica faz com que elementos sejam emprestados de outros lugares, atribuindo novos

significados a velhos estilos. A variabilidade dos meios de expressão contribui e permite que a história, os valores, os conflitos e a dinâmica social dos indivíduos e regiões que as fomentam, estejam em constante construção e diálogo, fazendo com que os festejos juninos se constituam imponderáveis repertório de cultura e da memória social (RIBEIRO, 2002).

Postos os pensamentos acima, acreditamos que o presente estudo possui relevância no cenário acadêmico, pois apresenta um tema interdisciplinar e que poderá contribuir com as várias áreas do conhecimento, tais como, a Antropologia, a Educação, a Sociologia, a Filosofia e a Educação Física. Como também, servir de fundamentação para outras produções científicas, ampliando o repertório de fontes bibliográficas sobre o corpo, as festas juninas e seus símbolos.

Pretendemos que com os discursos desta pesquisa, possamos colaborar com o surgimento de novos olhares sobre o corpo a festa junina e seus símbolos, suscitando novas compreensões, além das já elencadas em estudos sociológicos, antropológicos e históricos, considerando as diversas questões que giram em torno do tema central; questões estas que envolvem a condição da existência humana a partir de suas vivências e construções culturais, sociais e religiosas, abrindo sempre a oportunidade de que aconteçam novas interpretações construindo continuamente novos conhecimentos.

Almejamos que este estudo possa causar reflexões sobre a forma de como percebemos o mundo junino, os seus elementos símbolos e os seus significados, e que seja percebido na condição de um instrumento para produção inesgotável de conhecimentos, no qual essa condição permita o encontro do homem com seu corpo sensível que existe e está situado no tempo e espaço e que produz ciência. Esperamos, por fim, que na Educação Física o corpo não seja compreendido somente pelo seu funcionamento mecânico e fisiológico, mas como algo dotado de experiências e infinitas percepções, compreensões e significações.

Castro Júnior (2014) aponta que existem muitos estudos que investigam o tema “festa”, porém, na área da Educação Física, os mesmos ainda são raros, dos poucos que existem, a maioria são sobre o lazer. Portanto, com interesse de preencher lacunas do conhecimento, a presente pesquisa tem como objetivo: **Discutir sobre o corpo, a Festa Junina e seus símbolos e as suas contribuições para a Educação Física.** Visto o objetivo, pretendemos responder os seguintes questionamentos: **Quais são os corpos que participam dos festejos juninos? Quais os significados dos elementos simbólicos utilizados na Festa Junina? Quais as contribuições do corpo junino para a Educação Física?**

Para a construção desta pesquisa nos aportamos em alguns artigos e nos pensamentos de alguns teóricos que escrevem sobre a temática pesquisada, o que caracteriza o estudo como uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica.

Desse modo, o seguinte artigo encontra-se delineado em três momentos: iniciaremos trazendo reflexões sobre o corpo na festa junina e como esse corpo que chamamos de junino se comporta durante a festividade. Posteriormente, destacamos os principais elementos simbólicos presentes nas festas juninas e suas várias possibilidades de significações. Por fim, expomos as contribuições do corpo junino para a Educação Física.

## E POR FALAR EM CORPO JUNINO...

No nordeste brasileiro, as festas juninas transformam as cidades e o espírito das pessoas, que parecem sentir uma irresistível atração e afinidade pela festa. Deste modo, para grande parte da população desta região esta é a principal festividade do ano, para alguns, até mais importante que o período Natalino (AMARAL, 2001).

Desta forma, toda a população é envolvida com os festejos juninos, mesmo que apenas na posição de expectadores. A festa junina se faz presente nas reuniões familiares, nas ruas, no comércio, nas escolas, nas associações de bairros, nos movimentos sociais e nas instituições católicas que veneram os santos juninos.

Sendo assim, denotamos a nomeação de corpo junino aos sujeitos que se interligam ao ciclo junino e que envolvem seus corpos nas relações com outros corpos, por exemplo, nas danças juninas, utilizando vestimentas que simbolizam esse festejo. Enfim, o corpo junino é um corpo festivo que canta, reza, come, pula fogueira entre outros, é aquele que celebra as festividades do São João. De acordo com Castro Junior (2014, p. 29):

[...] o corpo festivo que é sempre revelador: um corpo que festeja, narrando os seus saberes e seus desejos, um corpo que fala com seus gestos e com suas formas de expressões; um corpo visível, escuro e claro, mas bem colorido; um corpo odor de diferentes cheiros, um corpo que escuta e grita; uma plasticidade corpórea, um olhar esquisito, uma encenação cômica e trágica, um enredo de devoção, de fé e divertimento, um entre toque dos corpos na multidão.

Vigarello (2000) apresenta o corpo como um objeto múltiplo que pode representar variadas dimensões da nossa existência, como a sensibilidade e expressão. Seria pois, um arquivo que guarda nossas experiências, memórias que estão inscritas no corpo que somos, que viveu e vive momentos de dor, alegria, euforia, derrotas, cansaço, amor, e vitórias.

Portanto, a partir deste pressuposto, apresentamos o corpo junino como àquele que está imerso no universo dos festejos juninos, e estar sempre a produzir sentidos que representam a cultura do nordeste brasileiro, os desejos por uma vida melhor, os afetos de algumas das suas relações cotidianas, as emoções, enfim, o seu universo material e simbólico.

Esses corpos passam também a viver momentos de intensa religiosidade, esperança e fé, solidificados na crença dos santos juninos. O corpo junino, portanto, é religioso, e é aquele corpo que acende a fogueira e guarda suas cinzas para a cura de doenças, é aquele que coloca o santo casamenteiro de cabeça para baixo para casar-se posteriormente, é aquele corpo que é sagrado. Assim, Eliade (2010) diz que o sujeito só toma o conhecimento do sagrado porque este se revela e manifesta-se como qualquer algo definitivamente contrário ao profano.

Por mais que o corpo nas festividades juninas manifeste e represente elementos sagrados das festas juninas, seja através de vivências que remetam ao mundo dos santos joaninos, contrariamente, por vista, este também vivenciará práticas profanas, que remetem ao lado profano da festa.

O corpo profano é aquele que usa roupas curtas, que dança e beija sensualmente, que fuma e bebe exageradamente, sussurra, entre outros. Para Eliade (2010), a essência profana não existe em estado puro porque o homem por mais que realize um ato profano não consegue extinguir inteiramente a conduta religiosa, por exemplo, o beijo é visto como profano quando o casal extrapola com os movimentos da cabeça e da língua, porém, é notado como sagrado quando o casal ceda a cerimônia do casamento.

A exemplo das danças, além das quadrilhas juninas, as pessoas que o possuem, escutam e dançam o autêntico forró pé-de-serra. O corpo junino imerso nas festividades juninas, gosta de dançar o forró e geralmente se incorporam nos personagens protagonista das músicas. Nesse sentido, Nóbrega (2015) diz que a dança é um movimento que nos retira da vida prática cotidiana, das causalidades do corpo, do espaço e do tempo, criando novas formas de habitar o corpo, o espaço, o tempo, a existência.

As performances do corpo expressam-se em múltiplas faces e sentidos pela sagacidade do equilibrar-se, pela agilidade de dançar, pela interação dos corpos, bem como pela sua capacidade de produzir coletivamente cultura de sons, ritmos e gestos, criando assim, novas formas de linguagens comunicativas (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 30).

Na festividade junina, os corpos se vestem com indumentárias características do homem matuto, aquele que trabalha no roçado. Geralmente, as pessoas usam camisa xadrez com calça rasgada, calçando botas e chapéu. Esses corpos vestidos “[...] são únicos e ao mesmo tempo complexos, por ser um todo que entrelaça os sistemas físico, psíquico, social, cultural e espiritual” (RODRIGUES, 2007, p. 15).

Para Sant’anna (2001), o corpo fantasiado se permite ser passagem para externar histórias, reviravoltas, glórias e anseios. Esse corpo que se empresta para a festa é o corpo protagonista daquele espaço, é o corpo que não somente passa pelos lugares, mas também realiza as viagens e se torna corpo-passagem.

Nesse sentido, corpos dançantes fantasiados ou não, escrevem o enredo da festa, narrando suas histórias para os outros e ouvindo o que eles têm a lhes contar, acontecendo assim, diálogos entre corpos que apresentam uma dinâmica discursiva em seus ritmos e movimentos, exprimindo cheiros, cores e afetos (CASTRO JÚNIOR; GUSMÃO, 2014).

## O CORPO QUE DÁ SIGNIFICADOS AOS SÍMBOLOS JUNINOS

Embora as festividades juninas sejam comemoradas em quase todas as partes do Brasil, cada comunidade tem um modo particular de festejar, contudo, nota-se maior compatibilidade nas cidades que compõem os estados do nordeste e com maior frequência nas interioranas. Nessas comunidades, os festejos aos santos juninos, geralmente, remetem-se as questões

voltadas à religiosidade, os costumes, a cultura e o social. Diferentemente, nas grandes cidades a comemoração possui um caráter voltado a espetacularização, onde são realizados grandes *shows* com o intuito de expandir as esferas do turismo e da economia.

A tradicional festa junina é conhecida popularmente por seu caráter alegre. Além disso, sabemos que durante os festejos podemos nos deparar com uma gama de subsídios que compõe a cultura popular de um determinado lugar, tais como as brincadeiras, as comidas típicas, as simpatias, que revelam os costumes e as crenças da população. Esses costumes que representam as festas juninas possuem elementos simbólicos que emprestam um sentido diferente para a comemoração da festa. Portanto, “o cenário da festa é composto por diversos ícones, símbolos que no seu conjunto formam um campo imagético para o qual convergem e proliferam os sentidos” (MORIGI, 2002, p. 259).

De acordo com o exposto Morigi (2002, p. 255) complementa:

a festa junina e seus símbolos, no imaginário social, operam mediando simbolicamente concepções, unindo, interligando seus laços e integrando percepções baseadas no discurso da tradição cultural e na identidade local e regional. A festa junina é por excelência o símbolo da tradição. Assim, o conteúdo enunciado e veiculado pela mídia é parte de uma rede simbólica cujas significações são assimiladas pelos sujeitos, passando a constituir um conhecimento. Dessa forma, tais significações passam a fazer parte e interagir com as demais significações contidas no acervo do imaginário social.

Nesse sentido, diante as reflexões postas acima, fica claro que o modo de como compreendemos os elementos simbólicos nos festejos juninos depende do local onde moramos, das pessoas que nos rodeia, dos nossos antepassados, ou seja, da nossa tradição e cultura. Todavia, é no modo de como interpretamos esses símbolos que deparamos com a importância do corpo, pois para que estejamos localizados em qualquer lugar do espaço, para que sejamos arroteados por pessoas, primeiramente, temos que ser um corpo.

Essa dinâmica das experiências que o corpo protagoniza nos festejos juninos, nos oportuniza a descrever alguns elementos simbólicos que constituem esse festejo. Posta a tarefa, tentaremos compreender a significação dos elementos simbólicos mais notados durante a festa junina, como: a fogueira, os fogos de artifícios e a quadrilha junina. Essa atitude foi tomada por notarmos que a festa junina é constituída de muitos elementos simbólicos, sendo impossível a tarefa de empregar sentidos a todos eles, além do mais, cada um desses elementos possui infinitos significados.

O elemento simbólico mais percebido durante a festa junina é a fogueira. Geralmente durante o período festivo, a fogueira é usada para concretizar alguns rituais religiosos, simpatias, brincadeiras e na produção de algumas iguarias alimentares. Para Chianca (2006), a fogueira tem suas raízes em um trato feito pelas primas Maria e Isabel: quando João Batista nascesse, Isabel acenderia uma fogueira no monte para avisar sobre o nascimento do filho e ter o auxílio de Maria após o parto.



De acordo com Chevalier (2006), o fogo é um elemento que queima e consome. O seu simbolismo apresenta várias significações como o da purificação e de regenerescência. Para o mesmo autor a água também possui esses significados, contudo, o fogo se distingue, pois o simbolismo da purificação é pela compreensão, até a mais espiritual de suas formas, pela luz e pela verdade.

Diante o contexto, as características simbólicas do fogo apresentadas acima são percebíveis quando os afilhados e padrinhos arrotearem a fogueira repetindo por 3 vezes a oração: “São João me disse, São Pedro confirmou, que você vai ser meu afilhado que Jesus mandou”. Este ato é conhecido como batismo na fogueira. Para a religião cristã, o batismo é um momento de celebração no qual os nossos pecados são purificados e por meio da purificação acontece à regeneração da nossa vida agora seguindo as doutrinas pregadas por cristo, com a ausência do pecado.

Os laços de compadrio eram muito importantes, pois os padrinhos podiam substituir os pais na ausência ou na morte destes, os compadres integravam grupos de cooperação no trabalho agrícola e os afilhados eram devedores de obrigações aos padrinhos. A instituição beneficiava os patrões, que tinham um séquito de compadres e afilhados leais tanto nas relações de trabalho como nas campanhas políticas, quando se beneficiavam do voto de cabresto (RANGEL, 2008, p. 22).

Para a cultura maranhense, no dia que se comemora o São João, acontece também, simbolicamente o batismo do Boi-bumbá. Para Viana (2013), o batismo do boi apresenta o simbolismo da purificação, da mesma forma como os rituais católicos. Após ser batizado, o boi passa a dançar durante os festejos juninos. Esse ritual é compreendido como a passagem do pagão para cristão sob a proteção de São João.

Um elemento simbólico das festas juninas que é acionado também pelo fogo são os fogos de artifício. Para Rangel (2008), Zacarias, o pai de São João vivia abatido, pois Isabel, sua mulher, não conseguia engravidar. Ao saber do milagre da gravidez da esposa, o homem ficou emocionado que se emudeceu durante toda a gestação. Quando João nasceu, perguntaram ao seu pai como seria o nome do filho e ele respondeu: “João” recuperando a voz. Todos que estavam presente fizeram barulho com saudosos “vivas”. Do barulho vem o costume das bombas.

No dia 23 de junho, às 18 horas, no momento em que se acendem as fogueiras, inicia-se a queima de fogos. Este elemento simboliza a comemoração ao dia do santo junino (seu nascimento) ou, ainda, pode anunciar alguma promessa alcançada. Na religião cristã, a promessa é um voto prestado aos santos ou a Deus. Quando um fiel realiza uma promessa a qualquer santo, por exemplo, ele geralmente solicita por alguma benção, seja de cunho espiritual ou físico. O devoto se empenha a pagar com alguma penitência caso seu pedido seja atendido.

Outro elemento simbólico que destacamos é a quadrilha junina, que representa um casamento que se passa no sítio e conta a história de um casal de matutos, onde a suposta moça se encontra grávida antes de casar. O noivo mesmo sendo obrigado a se casar, tenta fugir da cerimônia, só que o pai da noiva que era valente, querendo melhorar a reputação da

filha, obriga o padre a realizar o casamento num espaço mais curto. Em suma, a quadrilha junina celebra com a dança a festa do casamento matuto e a gravidez da noiva representa a fertilização do período junino, ou seja, a fartura que a época da colheita traz ao povo. Rangel (2008), afirma que, nos primórdios das festas juninas, os moradores do hemisfério norte, realizavam esse tipo de rituais de invocação pela fertilização que ajudavam no desenvolvimento do plantio e das boas colheitas.

Na quadrilha junina, a dança a todo o momento se faz presente. Como “[...] é considerada uma herança do folclore francês, acrescida de manifestações típicas da cultura portuguesa [...]” apresentando termos franceses para “chamar” os movimentos que os pares precisam executar, como por exemplo, “anarriê”, que significa “para trás”; “anavã”, significa “em frente”, entre outros (AMARAL, 2001, p. 180).

Os movimentos realizados nos passos durante a quadrilha, ora são lentos, outrora mais rápidos. Os movimentos mais rápidos podem caracterizar o modo de como se comportam as pessoas que povoam os sítios, o trabalhar na roça, o falar, o comer, já os movimentos lentos, podem ser comparados na forma de como os homens, que apesar de serem matutos são sutis com as damas, como no ato de tirar o chapéu da cabeça para agradecer ou chamá-las para dançar.

Os movimentos produzidos pelos pares da quadrilha junina, nos leva a refletir sobre o corpo que também é visto como símbolo. Medeiros e Nóbrega (2013) afirmam que por ser simbolismo, o corpo está sempre aberto a novas interpretações, atribuindo novos sentidos a vida e a existência. Portanto, os símbolos se fazem presentes em nossa existência, aproximando e dando outros sentidos aos elementos que estão em nossa volta.

## O CORPO, A FESTA JUNINA E SEUS SÍMBOLOS: QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA?

Nesta pesquisa foram realizadas algumas considerações sobre o corpo, porém, a todo o momento aquele que não é somente formado pela carne, constituído por músculos, nem aquele com movimentos mecânicos, mas sim, um corpo paradoxal, cheio de brechas e dotado de saberes. Um corpo presente nas festas juninas capaz de compreender os diversos símbolos que caracterizam esse ciclo.

Tendo em vista a perspectiva da abordagem fenomenológica, Merleau-Ponty (2011) compreende o homem de forma integral, um “ser-no-mundo” que integra na totalidade seus pensamentos, sentimentos e ações, totalidade que não significa ausência de contradição. O corpo aparece, então, como um lugar do sujeito que lhe é mais próprio, podendo ser descrito como um corpo-sujeito, onde se manifesta sua capacidade de expressão, sua identidade, sua história, sua cultura (BAUMAN; CARVALHO, 2014).

Esclarecendo ainda mais, cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade que nele marca seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos, que estão na base da vida social (BAUMAN; CARVALHO, 2014). Dotado de experiências, o corpo junino compreende e tenta dar significados aos elementos simbólicos não só das festas juninas, mas de todos os fenômenos presente em sua volta, inclusive, a cada movimento corporal realizado nas práticas de Educação Física.

O contato do corpo, das festas juninas e dos seus símbolos provocam diversos diálogos, que por sinal são abertos e infinitos e, se unificam estreado uma atitude de corpo estesiológico. É nessa perspectiva que Nóbrega (2004, p.1193) diz: “a carne do corpo é feita do mesmo estofado do mundo, portanto, é cortada pela historicidade, pelas afecções, pela experiência vivida”. Essa condição dialógica pode gerar um ser humano transformado contido por um maior repertório de experiências, de sensações e emoções. Esta condição poderá também melhorar nossa desenvoltura motora tendo mais facilidade de expressar nossos gostos e sentimentos e, uma maior sensibilidade de notar a variabilidade de movimentos produzidos por nossos corpos.

Para Merleau-Ponty (2011), a condição de vivenciar o mundo, está no corpo dos sujeitos, e é a partir dessa relação que se repõe a essência da existência. Ou seja, a festa junina representada pela vivência corporal, entende o fenômeno, através do penetrar-se em um estado de concepção filosófica que se relaciona ao mundo vivido, a intencionalidade e a redução fenomenológica.

[...] o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se pode compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 1).

Na Educação Física esse entrelaçamento do corpo com as festas de São João, pode contribuir para a existência da abertura de novos horizontes para um entendimento de um corpo não mecanizado, mas um corpo pensante, repleto de conhecimento, capaz de se expressar por meio de gestos e movimentos, provocando inquietações, gerando um conhecimento que se desorganiza para depois se organizar e que a cada dia se renova.

A possibilidade da compreensão da linguagem sensível por meio dos gestos pode fazer com que os indivíduos atribuam sentidos a todas as ações produzidas pelo o corpo junino. Na Educação Física, esta atitude pode contribuir também para uma compreensão dos conceitos de corporeidade e da cultura de movimento. Este modo de pensar uma nova Educação Física, oportunizara no cunho pedagógico das aulas com sentidos para o fomento de um corpo disciplinado pela natureza e cultura, um corpo formado por uma educação e para uma educação, uma educação sensitiva, uma educação formadora de cidadão com conhecimentos.

## (IN)CONCLUSÕES

Muitos ainda entendem a Educação Física como uma área reducionista, onde o campo de pesquisa apenas quantifica e classifica a partir dos resultados, e foca seus interesses somente em relação ao mundo fitness ou de performance. Para modificar esse cenário, é necessário contemplar e abrir espaço para outros campos de pesquisas que ampliem a forma de enxergar esse corpo numa visão também sociocultural. Abrir espaço para falar deste corpo pensante, carregado de histórias e de afetividade.

O universo das festas juninas é um campo fértil de conhecimento para o corpo, pois proporciona horizontes estéticos e simbólicos que representam a cultura do Brasil, principalmente, dos estados nordestinos. Ao descrever sobre o corpo junino, tentamos mostrar as possibilidades do corpo frente às suas experiências com as festas do mês de junho. Esse corpo junino é dotado de variados significados, ao mesmo tempo é também um corpo oposto entre o sagrado e profano, é um corpo profano que se veste e que atualiza e reatualiza as festividades juninas.

O universo dos festejos juninos é um campo propício para viver essas experiências sensíveis corporais. O São João é um mundo onde a cultura e a tradição estão presentes, além disso, é um ambiente onde pessoas de outras culturas podem vivenciar esses festejos deixando resíduos das suas culturas para ser repensadas e reelaboradas. O São João possui uma grande diversidade de símbolos e que cada um desses possui várias significações. Esses significados nos faz enxerga-los em outra dimensão, nos faz vê-los além de suas cores e formatos, assim, esse modo de pôr-se a frente e de percebê-los torna nosso corpo repleto de composições estéticas e culturais.

Ao contemplarmos os festejos juninos, notamos as marcas da cultura expressa em nossos corpos e em seus movimentos por meio da dança na quadrilha junina. Essa é uma possibilidade de tentar compreender a linguagem do corpo sensível. Nesse sentido, percebemos a necessidade da Educação Física sempre desafiar-se propondo a busca da educação e reestruturação dos corpos por meio de experiências e situações desafiadoras no mundo. É a partir desses desafios e experiências no mundo que nos tornamos seres sensíveis, onde passamos a refletir e a compreender sobre os fenômenos que estão presentes em nossas volta.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita. *Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”*. eBooksBrasil.com, 2001. Versão para ebook. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/festas.html>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

BAUMAN, Claudiana; Donato; CARVALHO, Janice Guimarães. Técnica e expressividade: análise fenomenológica do corpo na dança. *Motricidade*, v. 1, n. 1, dez. 2005.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor. *Festa e Corpo: as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas*. Salvador: EDUFBA, 2014.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor; GUSMÃO, Milene Mabel Santos. Os corpos dançantes e brincantes no terno da Alvorada na Festa Dájuda. In: CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor. *Festa e Corpo: as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas*. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 141-166.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. *A festa do interior: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX*. Natal: EDUFRN, 2006.

PERDIGÃO, João Gabriel de Lima; LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza. Dos costumes ao espetáculo: a transformação da festa junina campinense em “o maior São João do mundo”. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 15, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/12083>>.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução Rogério Fernandes. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LANGER, Susanne Katherina. *Sentimento e forma: uma teoria da arte desenvolvida a partir de filosofia em nova chave*. Tradução Ana M. Goldberger Coelho, J. Guinsburg. São Paulo: Perspectivas, 2011.

MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento; NÓBREGA, Terezinha Petrucia. *A linguagem simbólica nas danças populares Brasileiras*. Projeto de pesquisa, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Tradução por Carlos Alberto Ribeiro de Moura. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MORIGI, Valdir. Festa junina: hibridismo cultural cadernos de estudo sociais. *Cadernos de Estudos Sociais*. Recife, v. 18, n. 2, p. 251-266, dez. 2002.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. *Uma Fenomenologia do corpo*. São Paulo: Editora da Física, 2010.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. *Sentir a dança ou quando o corpo se põe a dançar...* .Natal. IFRN, 2015.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Corpo e natureza em Merleau-Ponty. *Movimentos*. Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 1175-1196, set. 2014.

RANGEL, Lúcia Helena. *Festas Juninas, festas de São João: origens, tradições e história*. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

RIBEIRO, Heloisa. Rotas da fé: Festas Juninas. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 24-35, 2002.

RODRIGUES, Rita de Cássia do Nascimento. *Kossi d'oya na festa de Santa Bárbara: o corpo num processo criativo da poética em dança*. 2007. 158 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas)-Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9664/1/Rodrigues%25seg.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Corpos de passagens: ensaio sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

VIANA, Roberto Nonato. *O bumba-meu-boi como fenômeno estético: corpo, estética e educação*. São Luiz: EDUFMA, 2004.

VIGARELLO, Georges. O corpo inscrito na história: imagens de um "arquivo vivo". *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 21, p.225-236, nov. 2000. Entrevista concedida à: Denise Bernuzzi Sant'Anna. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/20219/15945>>. Acesso em: 19 nov. 2016.